

Francisco, o pobre de Assis († 1226)

Nascido em 1181-1182, Francisco era o filho mais velho de um comerciante de tecidos da cidadezinha de Assis (Úmbria) a quem deveria suceder nos negócios. Mostrou-se porém mais interessado pela vida festiva que a juventude dourada da cidade levava. Sua riqueza lhe permitia frequentar as famílias nobres e, em contato com elas, impregnou-se dos ideais da cultura cortês e cavaleiresca. Em 1202, participou da guerra que opôs Assis a Perúgia e ficou prisioneiro vários meses. Em 1205, na esperança de se cobrir de glória, juntou-se a uma expedição militar contra os partidários do Império na Apúlia. Mas, em Espoleto, deu meia-volta em consequência de uma visão. Trabalhado pela graça, procurou seu caminho na meditação solitária e na caridade. Após um violento conflito com o pai, que o recriminava por sua prodigalidade com os pobres e as igrejas, Francisco renunciou a seus bens, pôs-se sob a proteção do bispo de Assis como penitente leigo e viveu como eremita itinerante nos arredores da sua cidade, onde seu comportamento fez que o dessem por louco. Em fevereiro de 1208, ouvindo a passagem do Evangelho de São Mateus (10, 7-10) relativa ao envio em missão dos apóstolos, descalços e sem dinheiro, tomou consciência da sua verdadeira vocação: viver na pobreza evangélica e anunciar a Palavra de Deus. A partir de então modificou sua indumentária, mantendo apenas uma túnica e substituindo o cinto por uma corda, e come-

çou a convocar seus cidadãos para a conversão. Logo uniram-se a ele alguns moradores de Assis e das cercanias, tanto clérigos como leigos. Em 1209, Francisco redigiu uma espécie de “manifesto” programático, feito de algumas frases do Evangelho, e foi a Roma com seus companheiros para submetê-lo ao papa Inocêncio III. Este último se contentou em aprovar oralmente seu gênero de vida, esperando para ver como a experiência – muito próxima da dos primeiros valdenses – evoluiria.

De volta a Assis, onde obtiveram a concessão de uma igreja em ruínas, Santa Maria de Porciúncula, os irmãos – que adotaram então o nome de “menores”: pequenos, humildes – desenvolveram suas campanhas de pregação na Itália central e atraíram jovens seguidores, fascinados pelo carisma de Francisco. Entre estes, uma jovem aristocrata de Assis, Clara, que fugira da casa familiar em 1212 e daria origem às “Pobres damas reclusas” de São Damião – as futuras clarissas –, ramo feminino do movimento. Em 1217, por ocasião do capítulo geral (reunião anual dos irmãos), foi tomada a decisão de enviar alguns em missão ao norte dos Alpes e a ultramar. Francisco parece ter querido partir para a França, mas o cardeal Ugolino persuadiu-o a ficar na Itália para zelar por sua comunidade, ainda frágil, embora em pleno desabrochar. Em 1219, o Pobre de Assis partiu no entanto para o Oriente e juntou-se às tropas da quinta cruzada. Durante uma trégua, foi levado à frente do sultão Al-Kamil, a quem tentou em vão convencer da superioridade da fé cristã. Depois desse fracasso foi à Terra Santa, mas teve de retornar à Itália em 1220. Na sua ausência, alguns irmãos haviam tomado iniciativas que ameaçavam o espírito da sua fundação. Francisco pôs ordem nela, mas preferiu abandonar a direção do movimento, cujo rápido desenvolvimento – contavam-se mais de mil irmãos em 1221 – trazia problemas institucionais e disciplinares que ele não se sentia capaz de enfrentar. De fato, o papado fazia pressão para que essa fraternidade evangélica se transformasse numa ordem religiosa, evolução que Francisco não rejeitava, mas que acreditava controlar. Então, ao mesmo tempo que continuava a pregar com um sucesso cada vez maior, consagrou seus esforços à re-

dação de uma regra: uma primeira versão (1221) foi recusada pela Cúria; a segunda, mais jurídica e menos original, foi aprovada por Honório III em novembro de 1223 e tornou-se a regra dos irmãos menores.

Muito doente, incomodado com os novos problemas que o crescimento da ordem acarretava, Francisco fez longas estadias nos eremitérios, entre os quais o de La Verna, onde teria recebido os estigmas da Paixão de Cristo no dia 24 de setembro de 1224. Ficou quase cego, mas mesmo assim compôs o *Cântico do irmão Sol ou das criaturas*, texto fundador da literatura religiosa em língua italiana. Sentindo o fim se aproximar, redigiu seu *Testamento*, em que evoca com emoção os primeiros tempos e recorda com vigor a necessidade de permanecer fiel ao ideal evangélico. Morreu em Porciúncula na noite de 3 para 4 de outubro e foi canonizado já em 1228 por Gregório IX (ex-cardeal Ugolino). Sob incentivo do irmão Elias, construiu-se rapidamente a magnífica basílica que lhe foi dedicada do lado de fora de Assis. Seus restos foram transferidos para ela em 1230 e a parte superior da igreja foi coberta, por volta de 1300, por Giotto e seu ateliê, com afrescos evocando os principais episódios da sua existência e alguns dos seus milagres.

Francisco de Assis não deixou obra escrita muito notável: duas curtas regras, alguns bilhetes, cartas e preces, ou seja, um pequeno volume. E, se certos textos (*Cântico do irmão Sol ou das criaturas* ou seu *Testamento*) são justamente célebres, conhecemos sobretudo Francisco através das lendas. Ele não foi nem teólogo nem legislador, mas uma testemunha do Evangelho em seu tempo, mais próximo, em sua busca de Deus, dos heróis dos romances corteses do que dos doutores universitários. Por isso sua lembrança se fixou ao mesmo tempo em tradições orais, reunidas pela coletânea dos *Fioretti* (postas por escrito no corrente do século XIV), e em numerosas Vidas escritas por seus irmãos. A interpretação da sua existência constituiu, logo de início, um propósito maior. Desde 1229, um frade próximo dos meios dirigentes da ordem e do papa Gregório IX, Tomás de Celano, escreveu uma primeira Vida que teve vasta difusão. Mas essa biografia,

a despeito das suas qualidades e da sensibilidade religiosa do autor, foi objeto de sérias críticas. Outros textos foram posteriormente compostos, entre eles a *Lenda dos três companheiros*, que enfatiza os vínculos que Francisco manteve com a sociedade urbana de Assis. Em 1246, o ministro geral da ordem mandou que os irmãos que haviam conhecido seu fundador redigissem suas lembranças. Resultou daí uma massa de testemunhos, a *Compilação de Greccio*, na qual os biógrafos sucessivos se basearam, a começar por Tomás de Celano, que escreveu em 1247 uma segunda Vida, bem diferente da primeira. Mas as tensões que se desenvolveram no seio da ordem por volta de 1250 acentuaram a necessidade que os irmãos tinham de conhecer a verdadeira fisionomia do seu fundador e sua atitude em relação a questões fundamentais para eles: a prática da pobreza e os estudos. Em 1263, Boaventura de Bagnoreggio, ministro geral da ordem, publicou uma Vida intitulada *Legenda maior* que se tornou a única biografia autorizada, e o capítulo geral ordenou em 1266 a destruição dos manuscritos de todas as Vidas anteriores. Sua interpretação mística e triunfalista esteve, no entanto, longe de alcançar a unanimidade e, a partir do fim do século XIII, quando se envenenou a querela entre os espirituais, partidários da pobreza integral, e a maioria da ordem, novas compilações foram redigidas, questionando a imagem desenhada por Boaventura. Esses escritos contestatários, que se referiam às lembranças deixadas pelos primeiros companheiros, entre eles frei Leão, não devem entretanto ser considerados mais objetivos do que as biografias anteriores: eles contribuíram inclusive para confundir as coisas, interpretando a santidade do Pobre de Assis em função dos problemas que se punham no tempo desses autores, e não dos que Francisco havia efetivamente encontrado. Essa abundante produção, assim como a de coletâneas de milagres e de uma abundante iconografia, mostra bem que a figura de Francisco permanecia no centro das preocupações dos irmãos maiores e dos leigos do seu círculo.

Esse fascínio duradouro se deve ao fato de que o santo de Assis operou uma síntese entre os movimentos religiosos populares

anteriores – alguns dos quais acabaram condenados como heréticos – e a mais autêntica tradição cristã. Nele, uma profunda devoção por Cristo, venerado em sua humilhação e em seus sofrimentos, era acompanhada por um senso agudo da onipotência e da transcendência divinas. Seu desejo de ter uma vida evangélica, na pobreza e na humildade, como Cristo e os apóstolos, não excluía uma fidelidade sem falhas à Igreja, que era a única a poder transmitir a Palavra de Deus e tornar este último presente pelo sacramento da eucaristia. A seus olhos, a prática da pobreza constituía a própria essência da vida evangélica. Longe de representar uma virtude entre outras ou uma condição econômica e jurídica, ela era antes de tudo um modo de vida individual e coletivo que permitia “seguir nu o Cristo nu”. Conferindo uma segurança ilusória, o dinheiro falseava as relações entre os homens e lhes fazia esquecer sua igualdade fundamental como filho do mesmo Pai. Por isso ele proíbe que os irmãos menores recebam ou detenham qualquer moeda, por ínfima que seja, salvo o necessário para os doentes, e lhes prescreve trabalhar com as próprias mãos, sendo a mendicidade tida apenas como um recurso extremo. Viver de acordo com o Evangelho supunha aceitar a insegurança mas também se encontrar em pé de igualdade com os mais pobres, tais como os leprosos. Pode-se portanto considerar que Francisco de Assis procurou criar com os irmãos menores um modelo alternativo de sociedade, alheio ao mundo da compra e da venda e rejeitando hierarquias ligadas à riqueza e ao prestígio social e cultural. Na fraternidade que fundou, os clérigos e os leigos se encontravam em pé de igualdade e, pelo menos nos primeiros tempos, os homens e as mulheres levavam vidas separadas mas complementares. É a “utopia franciscana”. Ainda que esse modelo tradicional tenha sido rapidamente abandonado, continuou a exercer um real fascínio, como mostram os movimentos que, no seio da ordem franciscana, o reivindicaram até em pleno século XVI, com a reforma dos capuchinhos. Embora tenha sido com frequência esvaziada da sua graça ou distorcida, a mensagem de Francisco de Assis marcou a visão religiosa dos últimos séculos da Idade Média, no sentido de um cristocentris-

mo radical e de uma devoção à humanidade sofredora do Salvador, cujo caminho da cruz (*via crucis*) constituiu uma das expressões mais significativas.

Francisco de Assis esteve em sintonia com a piedade popular. Assim, a representação mimada da Natividade, que ele realizou em Greccio, na noite do Natal de 1223, deu origem à difusão do presépio, enquanto a mística feminina italiana, com Margarida de Cortona († 1297) e Angela de Foligno († 1308), não deixou de se referir à sua experiência espiritual. Pode-se dizer, portanto, que ele influenciou de maneira profunda e duradoura a espiritualidade e a sensibilidade do Ocidente.

ANDRÉ VAUCHEZ